

Tales Faria

PL quer tirar dos Bolsonaro o controle da campanha

Foi um desastre para o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) o encontro desta terça-feira 19, em que pretendia convencer a bancada do partido a continuar firme em defesa de sua candidatura a presidente da República.

Não, deputados e senadores não pretendem tirar o candidato do páreo imediatamente por causa do vazamento do pedido dele de recursos ao dono do Banco Master, Daniel Vorcaro.

Mas já circula com força no partido, especialmente entre aqueles que não integram o grupo de bolsonaristas raiz, a conclusão de que não dá mais para deixar na mão do clã Bolsonaro as decisões finais sobre a campanha eleitoral do PL. Tanto nos estados como para presidente da República.

Os plíticos do partido acham que o vazamento do pedido de recursos a Vorcaro em meio ao escândalo do Banco Master foi um golpe forte contra a campanha, mas preferem esperar para avaliar seus efeitos com o tempo.

O problema é que os bolsonaristas esperavam sair da reunião convencidos de que esta relação tão próxima entre o candidato do partido a presidente da República e Daniel Vorcaro seria o último grande segredo que a família Bolsonaro escondia de seus aliados.

Mas não. No meio da reunião se descobriu que Flávio teve um encontro com Vorcaro em São Paulo, quando o banqueiro já estava usando tornozeleira eletrônica.

Qual o propósito do encontro? Não convenceu aos presentes na reunião do PL a versão de Flávio de que teria sido para “colocar um ponto final” na

história do financiamento do filme.

Integrantes do partido ouvidos pela coluna acham mais provável que tenha sido para se garantir de que o candidato não será envolvido em alguma delação premiada que o banqueiro venha a fechar com o ministro André Mendonça, do Supremo Tribunal Federal (STF). Ou para combinar uma versão sobre a transferência de recursos de Vorcaro para o filme, ou seja lá o que for.

Deputados e senadores do partido serão quase todos candidatos a cargos eletivos em outubro. Aqueles que não forem dependem da vitória de seus candidatos para continuar desfrutando das benesses do poder. A derrota do candidato a presidente repercute sobre o futuro de todos os participantes da reunião. Os presentes ao encontro saíram assustados e convencidos de que ainda podem surgir novas informações bombásticas.

A solução imaginada é não deixar mais inteiramente sob o controle da família os destinos da campanha. Se o Flávio tiver que sair, não dá para que o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) determine quem ficará em seu lugar. O substituto – ou a substituta – terá que resultar de uma análise do partido.

Pode até ser que recaia sobre um membro do clã, como a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro. Mas terá que ser por decisão coletiva, que inclua até mesmo aliados do centrão.

Bolsonaro tem ignorado completamente os aliados. Mas a federação partidária União Progressista (PP- União Brasil), do centrão, já deu sinais de que a aliança com o PL, se houver, terá que ser em novos termos.

Fernando Molica

Bondades que complicam

Ao facilitar a compra de carros por taxistas e motoristas de aplicativos e afrouxar regras para o trabalho de motociclistas, o governo federal aposta em saídas específicas que tendem a piorar a vida coletiva e, em ano eleitoral, indica ter jogado a toalha na tentativa de regulamentar atividades baseadas na exploração e que oferecem risco de vida.

Pesquisas atestam a impopularidade do governo na baixa classe média, principalmente entre jovens. Pessoas que se revelam desiludidas com políticas sociais que aplacaram a pobreza, mas se mostram incapazes de gerar expectativas de um futuro melhor. É gente que, como começaram a cantar os Titãs em 1987, não quer só comida.

A migração de intenções de votos de Flávio Bolsonaro (PL) para Renan Santos (Missão) entre eleitores de 16 a 24 anos, detectada pela pesquisa Atlas/Intel, sugere que esses brasileiros querem alternativas que apontem para uma possibilidade de progresso individual. Para eles, políticas como o Bolsa Família são uma armadilha que mata a fome, mas impede o progresso. Versão juvenil e menos descabelada do argentino Javier Milei, Santos incorpora esse tipo de rebeldia conservadora.

O governo tentou criar alguma regulamentação para motoristas de aplicativos e motociclistas, mas perdeu a briga: a possibilidade de cobrança de alguma contribuição previdenciária foi vista como usurpação do dinheiro alheio; o estabelecimento de uma tabela mínima de remuneração naufragou diante do argumento da oposição de que isso encarceraria as entregas, diminuiria a demanda e, conseqüentemente, a remuneração dos que se consideram empreendedores.

Argumento parecido tem sido utilizado contra o fim da escala de seis dias de trabalho por um de folga, uma crítica que encontra respaldo até mesmo entre pessoas que, em tese, serão beneficiadas pela lei. Até porque, no limite, o que tantos querem não é a escala de cinco por dois ou de quatro por três, mas o fim de trabalhos pesados, cansativos e mal remunerados (“A gente quer comida, diversão e arte”, “A gente quer saída para qualquer parte”, “A gente quer bebida, diversão, balé”, “A gente quer a vida como a vida quer”).

O engraçado é que, para cultivar profissionais que apostam nas saídas particulares e descreem do Estado, o governo faz o que eles dizem condenar: e tome de dinheiro público para financiar o aumento de carros nas ruas, estimular a poluição e os engarrafamentos e incentivar o estímulo ao trabalho quase suicida de motociclistas.

A Confederação Nacional do Transporte ressaltou que as medidas reforçam a tendência de diminuição do uso do transporte coletivo. Seus dados mostram que a participação do transporte coletivo caiu de 49,8% em 2017 para 31,7% em 2024 — e aumentaram os deslocamentos individuais. Mas isso é também resultado das más condições do transporte coletivo no país; é o que faz muita gente arriscar a pele na garupa de uma moto.

Não se pode condenar os beneficiados pela medida do governo, afinal de contas, há séculos que recursos da população são utilizados para financiar um capitalismo que adora defender as leis do mercado, desde que para os outros. Mas, pelo menos, dá pra lamentar que, mais uma vez, um governo busca o caminho mais fácil, anestesia uma dor e ignora suas causas.

EDITORIAL

Hora de priorizar a vacina da gripe

Com a chegada do outono e a aproximação do inverno, o Brasil volta a enfrentar um velho desafio de saúde pública: o aumento expressivo dos casos de gripe e outras doenças respiratórias. Todos os anos, hospitais registram crescimento na procura por atendimento, especialmente entre idosos, crianças, gestantes e pessoas com doenças crônicas. Ainda assim, em meio a um cenário previsível, a vacinação contra a gripe segue enfrentando resistência, desinformação e, muitas vezes, descaso.

A vacina contra a influenza não é apenas uma recomendação médica sazonal. Trata-se de uma ferramenta essencial de proteção coletiva, capaz de reduzir internações, evitar complicações graves e salvar vidas. Em períodos de temperaturas mais baixas, a circulação do vírus aumenta devido à maior permanência das pessoas em ambientes fechados e com pouca ventilação. Esse contexto favorece a transmissão e amplia o risco de surtos, pressionando ainda mais o sistema de saúde.

O mais preocupante é que parte significativa da população ainda subestima os efeitos da gripe. Diferentemente do resfriado comum, a influenza pode evoluir rapidamente para quadros graves, como pneumonia, insuficiência respiratória e agravamento de doenças preexistentes. Em muitos casos, a doença leva à hospitalização e pode provocar mortes evitáveis. A vacinação anual

continua sendo a forma mais eficaz de prevenção.

Outro aspecto importante é o impacto coletivo da imunização. Quando uma parcela maior da população se vacina, diminui-se a circulação do vírus e, conseqüentemente, a chance de transmissão para pessoas mais vulneráveis. A proteção individual se transforma em responsabilidade social. Em um país marcado por desigualdades no acesso à saúde, campanhas de vacinação eficientes representam também uma política de proteção comunitária.

É preciso reconhecer ainda o papel histórico do Programa Nacional de Imunizações, referência internacional em vacinação pública e gratuita. O Brasil já demonstrou, em diferentes momentos, capacidade de mobilização em massa quando o tema é saúde preventiva. Recuperar essa cultura de confiança nas vacinas é urgente diante do avanço da desinformação nas redes sociais e da banalização de discursos antivacina.

Mais do que uma escolha pessoal, vacinar-se contra a gripe é um compromisso com a própria saúde e com a coletividade. Em tempos de aumento dos casos respiratórios, negligenciar a imunização significa abrir espaço para o agravamento de um problema que poderia ser minimizado com uma medida simples, segura e amplamente disponível.

Opinião do leitor

Baixarias

Eleições distantes, mas o estoque de agressões e injúrias entre candidatos e pre candidatos é espantoso. Liberdade de expressão não pode ser confundida com irresponsabilidades, mesquinhas, torpezas e leviandades. Jovens prontos par votar pela primeira vez estão perplexos com excessos de tolices na mídia e redes sociais.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.